

15º CONCURSO FNLIJ/UKA TAMOIOS DE TEXTOS DE ESCRITORES INDÍGENAS – 2018

1º LUGAR

A SEMENTE DE CABOCO

Autor: Gustavo Martini Malucelli

Povo Indígena: Wapichana

Curitiba - PR

Pé no chão,
pé de ouvido.
Enterra, semente desperta.
Corpo é terra.
Dedicado a curumins e caboclinhos.
Caboquisse.

Quando era criança e minha mãe me convidava pra lavar a louça dizia: “pode ajudar aqui, caboclinho?”. Se precisava de um auxílio em seu ateliê de costura: “caboclinho, corta esse tecido pra mim?”. Me apressando pois estava quase perdendo o ônibus da escola: “vamos, caboclinho?” ou quando carinhosamente me chamava pois queria minha presença: “vem aqui, meu caboclinho”.

Com o passar dos anos, fui aprendendo um pouco mais os sentidos e significados que o memorável apelido carrega. A Mãe, Lucilene, é de origem Wapichana de Roraima e eu, Gustavo, cresci em Curitiba ouvindo histórias deste povo e da sua infância na aldeia. Lucilene, ou Luci, se mudou da terra indígena para o meio urbano aos 10 anos e admiro sua trajetória de vida e saberes, sementes, que ela carrega consigo. Sou grato pela minha infância, aos 10 anos, quando ela levou eu e meu irmão para conhecer nossa terra de origem e nos apresentar para a sua mãe, nossa avó, irmãos, amigos e colegas indígenas que ela não via há mais de 30 anos.

Não há palavras que possam descrever o momento de encontro de minha mãe com minha avó, mas me recordo de toda a cena em câmera lenta. Além do privilégio de caminhar na mata, mergulhar no igarapé, sentir medo da sucuri, do Canaimé, ajudar no preparo da farinha, dormir na rede, ser tratado pelo pajé e viver muitas histórias que antes eu só havia escutado.

Durante minha vida fui desencorajado a assumir a identidade indígena. Ocorreu na escola: tiravam sarro e faziam piada quando eu mencionava que minha mãe era índia. Aconteceu com algumas amigas que sabiam minha origem e, durante uma discussão, utilizavam o termo “índio” num sentido ofensivo. Eu ficava triste. Até um dos amigos que mais respeitei na vida fez piada e ironia durante o vestibular perguntando se eu iria atrás das cotas indígenas. Mas não culpo ninguém, estes pensamentos estão enraizados na cultura urbana. Porém, acabei guardando por quase 30 anos as histórias ouvidas e o orgulho de afirmar minha ascendência indígena.

Cresci do desenho em grafite e lápis de cor na escola ao graffiti nas ruas, da internet 56k aos fios de fibra óptica, do rock e repertório musical de meu pai às bandas que tive na adolescência, das vozes do irmão às do meu imaginário, das visitas ao ateliê da avó pintora à produção autoral, do jogo de xadrez com o avô à vida adulta e contas a pagar. A cidade é o meu pano de fundo de criação, portanto quando se trata da minha auto afirmação indígena e

origem Wapichana, a palavra com que mais me sinto confortável para me descrever é caboclo. O caboclo ou caboco, como é popular na linguagem falada, é uma imagem curiosa e importante dentro do contexto indígena. É normalmente utilizada para definir a mistura entre brancos e índios. Um exemplo: minha mãe se casou com um cara muito gente boa, de ascendência italiana, o Mauricão, e por isso me chamava com afeto de caboclinho. Um misturado. Porém, há tempos atrás, durante o contato colonial, a palavra foi utilizada para categorizar os índios aculturados - ou seja, todo indígena que tinha que deixar a sua tradição em segundo plano para trabalhar para algum patrão era chamado de caboco. “Este caboco já perdeu a cultura”, diziam eles.

Regionalmente, os caboclos são os camponeses da amazônia e muitos destes misturados foram obrigados a deixar sua cultura para trás ou aprender a esconder ela.

Embora a palavra tenha se popularizado, na maioria das vezes é falada num sentido e tom negativo. Acredito, e sinto, que não é a mistura que elimina os traços indígenas de uma pessoa. Lá onde minha mãe cresceu, vive Macuxi com Wapichana, e ela conta que sua avó falava que aos poucos eles estavam se tornando “Makuchana”. A cultura também se transforma e o mundo muda a partir da mistura das ideias. Mas por que o indígena é criticado quando é percebido misturado? Por quê um índio que vira doutor, advogado ou estudante é taxado de não-índio? “Eles moram na cidade, não são mais índios”. É preciso reconhecer e valorizar a contribuição indígena para o planeta, não apagar o seu orgulho.

O meu desejo, é incentivar todos a investigar sua mistura. O Brasil é todo assim: misturado e cheio de caboco. É bom saber de onde a gente veio, sabe? E neste processo vamos acordando algumas sementes dormentes. Vamos cabocar?

1. Pé no chão,
Na terra livre tinham muitas sementes.
Alimento para a taba e toda gente.
Curumin comia uma, virava Tuxaua.
Vento molhava, nascia fala.
Plantava tudo no mato: banana, sucuriju, igarapé, limão, jaca.
Se plantar, crescia sapo.
Do breu no chão, aparecia céu.

Dia febril, manada de pássaros trouxe outras sementes.
Misturou com a nossa gente, fez ninho.
Nasceu coisa nova.
Mandioca com farofa e gabioba.
Bolo de serpente. Vários caboclinhos.
Arroz com feijão e macarrão. Boa prova.
Quando arava abolição, nascia chapéu de palha e bola de futebol.
Gado, facão e anzol.

Misturou muito, até as sementes das palavras.
Makuxi e Wapichana: Makuchana.
Tapera com Maloca, virou tapioca.
Malária, capim, cheta: malacacheta.
Urtiga, cura e pé: olha o igarapé.

Misto quente e rapadura: mistura.
Passado os anos algo estranho aconteceu.
Terra, livre.
Sementinha morreu?
Se perdeu?
Uma disse que partiu. Foi pro sul.
Foi hibernar num lugar mais seguro, pensou no futuro.
E ali dormiu sementinha de pé descalço.
E ali descansou sementinha de Jabuti.
E ali hibernou sementinha de rio.
E cochilou sementinha de timbó.

O sono foi longo, caboclinho.
Tatu e caminhão transportavam as sementes. Nem se percebia.
Uma foi de avião. Roda cutia.
Dormiam, mas não paravam de multiplicar.
Pareciam brincar.
Habitavam em várias cidades: Rio de Janeiro, Curitiba, Cuiabá.
Sementinha dormente ainda sente.
É tipo giro de serpente.

2. pé de ouvido.
Quando caboclinho, curioso.
Falava pouco, pensava torto.
Perguntei o que acontecia se comesse a semente da melancia.
“Olha, vai crescer um pé em você, viu?” disse a mãe.
Comi. O pé cresceu, o corpo sorriu.
Na minha cidade, em Curitiba, sementes dormiam em minha mãe.
- Filho, eu pescava com timbó e brincava no cipó.
Não é história pra boi dormir:
Lá tinha fazenda também, campinho de futebol, ouvi a história do Peri.
- Índio joga bola?
- Hoje sim. Índio não deixa de ser índio só porque usa roupa, anda de carro ou vai pra escola.
Hoje me lembrei: o primeiro lugar que estudei se chamava Ceci.
Me contou um pé de um caboclo velho:
- Faz 231 anos que em cada cabana aconteceu o contato Wapichana.
Já passou alemão, inglês e italiano.
Mistério.
Todos misturados, brancos também são.
Hoje comem mandioca, milho, pipoca.
Tudo semente indígena.
Na literatura e na vida: ouvi atento estas histórias.
Na palavra a memória.
A semente transportada pela fala.
Flores que falam na palavra.

3. Enterra, semente desperta.
Um dia fui muito longe: uma montanha em Seoul.
Lá na Coréia do Sul.

Eu, que era quieto,
Ouvi do pé da montanha:
“melhor se calar: só assim vai ouvir a semente.”
Ao som do silêncio.
Respirei.
E acordou dentro do pulmão.
Foi logo correndo pro pé.
Conectou no chão.

Cuidado onde pisa, o pé falou.

Nem deu tempo de pensar. Pisei num formigueiro de tocandira.
De lá o som ecoou: “sou o ouvido da terra”.
Senti dor, mas as formigas pareciam entender por quê eu estava ali.
“Tem muita semente dormindo.”
Com o pé ouvi.
“Na terra você vai buscar.”
- Lá nos Wapichana? Em Roraima?
“No alto, mas onde ainda tem chão”.
- Onde?
O silêncio.

Ouvi asa de mosquito.
Às sementes no corpo, aceno.
Tudo novo, derrepente? Nunca vi.
Estava nublado ou eu sou míope?
Um desafio: despertar o broto do sereno.

Por onde espiava, mais percebia.
Tinha semente na pá, no passo e no pássaro.
No canto da gralha.
Na erva doce, na minhoca e até nos meus desenhos.
Semente no livro e no professor.

4. Corpo é terra.

Eu sou da terra, diz a semente.

No broto da rocha, do pé d'água e da raiz do mar escutei uma voz

Pataxó.

Do olho do guaraná ouvi histórias dos Sateré-Maué.
Uma folha protegeu o céu do chão. Conheci Yanomami.
Identifiquei uma árvore: a casa de farinha Wapichana e Macuxi.
O chocalho acordou a flauta e o tambor.
Cantei para as sementes do meu bisavô.
Deitei na minha cama, era terra.
Não é que a terra é uma semente gigante?
Fui caboclinho e perguntei:
o que acontece se eu plantar o planeta?
Plantei. Cultivei.
Com o tempo certo, um broto. Outro.
Foram 10.000 dias, eu assisti tudo.

Foi crescendo e tomou forma de homem.
Forma de Caboco.
Ele também é uma semente.

Fim.

2º LUGAR

VIDA, MORTE E VIDA DE UM GUERREIRO Autor 1: Aline Ngrenhtabare

Lopes Kayapó

Povo Indígena: Mebengokré

Porto Seguro - BA

Autor 2: Iglésio de Jesus Silva

Povo Indígena: Pataxó HãHãHãe e Fulniô

Águas Belas – PE

Eu estou aqui! De onde estou consigo ver e sentir tudo em minha volta e na “terra de baixo”.

Continuo guerreiro, continuo vivo! Sou eu, seu tio Galdino!

Hoje sem dores e fortalecido espiritualmente, emana força para os que me querem bem, para os que valorizam e respeitam as forças ancestrais. O mesmo posso dizer sobre todos os nossos antepassados, que também estão por aqui.

Vejo sua vó Minervina ali, colhendo ervas e fazendo remédios para os que precisam; seu vô, o véio Jó, está deitado em sua rede na tapera, enquanto o guerreiro João Cravinho foi convocado por alguém daí, para ajudar na retomada do nosso território.

Aqui é uma grande roça, nossos parentes Guarany a chamam de “Terra sem Males”, é uma terra fértil. Tem batata doce, feijão de corda, mandioca, andu, abóbora e muitas frutas. Diferente das “terras de baixo”, minha mãe vai tranquila para a roça. Aqui nossa alma descansa da agonia dos murros e balas! Não existe cerca, aqui ninguém precisa encher sacos de areia, para proteger as aldeias contra as armas daqueles que se identificam como nossos inimigos. A morte é a amiga incansável da vida!

Sua tia, a rezadeira Maguí, foi chamada nesse instante para o preparo de kawin, aloá e farinha de puba. Ela também prepara a farinha com tranquilidade e serenidade, na certeza que por essas bandas não existem capangas. Estamos muito felizes com tanta segurança e tranquilidade.

Assim que voltei para a casa dos nossos antepassados, os que aqui moram me falaram que antigamente a “terra de baixo” era igualzinha a “grande Roça”. Mas a ganância, o orgulho e a vaidade de uns vem destruindo a todo instante tudo em sua volta, e não desistirão até que não reste uma gota de vida! Os rios estão secando, falta água, as florestas e os animais são devastados todos os dias e a terra vai ficando feia e agonizante.

Durante minha vivência ai, meu sobrinho Yatso, observei que desde quando eras um kitoke (menino), você percorria o caminho para a o respeito à nossa ancestralidade. Bem antes de eu partir falei isso com sua mãe. Por isso presta bem atenção no que vou lhe contar, é uma história que aconteceu antes de irmos buscar sua vó para vir morar aqui na “grande roça”.

Antes de tudo, na condição de tio que não se encontra mais ai neste plano, quero dizer que você precisa ter clareza que nós, Pataxó HãHãHae, somos assim. Nosso elo com a ancestralidade vai além da existência material. Nossos Antepassados estão sempre presentes em nós, à medida que nós estamos neles. Portanto, eles são passado, presente e futuro.

Durante uma caminhada para mais um banho no rio pardo, eu, yatso, estava pensando nos conselhos de meu tio Galdino e nos constantes sonhos que tenho. Às vezes temos um sonho, longo, longo, longo... Mas, quando acordamos percebemos que nem foi tanto tempo assim. Quando sonhamos perdemos a noção de tempo e espaço, e é nessa hora que nos desprendemos da matéria e o portal para “Grande Roça” é aberto. É dessa forma que os nossos ancestrais conseguem se comunicar conosco, através dos sonhos, e comigo não foi diferente.

Na aldeia Caramuru Paraguaçu, como de Costume, os guerreiros Pataxó HãHãHae se reúnem em grupos, na busca pelo alimento de seu povo. Esta é uma prática bem comum encontrada nos povos originários pelo mundo a fora. Pois bem, depois de um dia inteiro de pescaria, estávamos cansados, pois a pesca não foi tão boa quanto o planejado. Afinal de contas, não é novidade para ninguém, que os rios não são os mesmos já tem tempo.

Logo depois do jantar, mais tardar, umas sete horas, tomei um rapé para equilibrar as energias, acendi meu timbero para acalmar meu espírito, e fui me deitar. Eu estava na sala, quando minha mãe gritou:

- Yatso! Vá logo deitar, você deve estar muito cansado e amanhã terá que acordar cedo.

Caí em um sono tão pesado, que nem pude ver o que se passava em volta da aldeia. Segundo minha mãe, durante toda madrugada, alguns motoqueiros rondavam a as casas, fazendo muito barulho com a descarga de suas motos e atiravam para o alto com seus revólveres.

Muitos não sabem, mas as madrugadas nas aldeias indígenas são sagradas, guardam muitos encantos e muitos segredos, especialmente na grande lua. Infelizmente essa é uma terrível e corriqueira prática dos emissários do mal, porta-vozes dos coronéis, que invadem o silêncio das madrugadas na tentativa de amedrontar nosso povo e nos expulsar de nossas terras originárias, mas sempre resistimos, pedindo forças para os nossos encantados.

Enquanto para a maioria dos parentes aquela madrugada foi de terror e angústia, para mim foi de uma imensa plenitude e satisfação, pois tive a visitação do meu tio Galdino, em sonho. Gosto de dizer que foi mais que um sonho. Foi uma miração espiritual!

No sonho, avistei de longe um aglomerado de pessoas em volta de um homem. Suas falas não eram bem compreendidas por mim, mas eu tinha certeza que se tratava de um idioma originário. Segundos depois, todas as conversas cessaram e deram lugar apenas a uma voz; a voz mais doce e firme que pude ouvir em toda minha vida. Ela dizia:

- Peço a vós, encantados, que preparem meu sobrinho para o que ele vai vivenciar. Ele receberá a mensagem e aguentará firme. Peço também que apaguem de sua memória os motivos pelos quais minha pele está assim, toda enrugada.

A essa altura, eu sentia como se meu coração fosse pular pela boca. Queria ver com meus próprios olhos de onde vinha a voz, para ter certeza de

que se tratava do meu tio Galdino,. Dei dois passos para frente, me direcionando até a roda de conversa, quando de repente, senti duas mãos em meus ombros, outras duas em meus pés e outras duas em minha cabeça. Percebi que se tratava de um fenômeno espiritual, originário.

Meu Corpo parecia desfalecer, eu sentia sopros em meu ouvido, fazia esforço para me movimentar e não conseguia sair do lugar. À medida que minhas forças foram acabando, uma voz muito suave falava ao meu ouvido para que eu tivesse calma e que abrisse meus os meus olhos para enxergar o que estava por vir. Foi então, quando pude ver a imagem do meu tio Galdino, e à medida que minha visão se tornava mais nítida, meu coração se angustiava em escalas diretamente proporcionais, pois pude perceber que algo havia de errado em sua aparência. Ele estava com marcas profundas de queimaduras. Olhava fixo em meus olhos e tive a certeza que de fato era ele mesmo. Aquilo foi tão forte que me desaguei em lágrimas.

Chorei, por não acreditar que aquele corpo pertencia ao meu guerreiro tio Galdino Pataxó! Chorei, por não entender o que havia acontecido com ele, me senti impotente e revoltado, Senti como se eu tivesse falhado em algum momento.

Desesperadamente o indaguei sobre sua aparência, eu queria saber o que tinha acontecido. Com muita doçura e serenidade, enxugando minhas lágrimas, ele ergueu sua mão e me levantou do chão, dizendo: - Erga-se, mantenha a tranquilidade que vou lhe contar toda a história.

Então, fui levado por ele para a beira de um rio, muito parecido com o rio Pardo. Sentei-me na raiz de uma árvore e sob efeito influência dos encantados, adormeci e fui transferido para o ano de 1997, um ano muito significativo para o nosso povo e para a minha família.

Aquela cena junto com meu tio na beira do rio era como se fosse um sonho dentro de outro sonho, ou um sonho dentro de uma miração que me transportou no tempo e no espaço. O céu estava escuro, as nuvens muito carregadas e eu sentia o cheiro forte do café que estava sendo preparado pela minha mãe. Tentei me comunicar e não obtive êxito, achei estranho minha própria mãe me ignorar. Um fenômeno que eu não sei explicar, mas era como se eu soubesse que aquilo era um sonho.

Caminhei até o local onde estavam muitos parentes da aldeia Caramuru Paraguaçu, todos sentados, conversavam e traçavam planos para uma viagem à Brasília. Tinham uns carros da Funai estacionados, e meu tio Galdino Pataxó estava lá, sem as fortes marcas de queimaduras em seu corpo. Imponente, discursava sobre como retomariamos nossas terras originárias, ao mesmo tempo em que ele ensinava a importância de preservar da vida e todas as suas formas, pois tinham muitas crianças e jovens em sua volta. Tio Galdino entendia que a terra era fundamental para a preservação das nossas tradições originárias, as- sim como ele dizia que a terra em nossas mãos era a garantia de sua preservação para a humanidade.

Concluído o seu discurso, meu tio sentiu uma tontura, como se fosse uma vertigem. Colocando as mãos na cabeça ele foi lentamente se abaixando até chão, quando dona Maura correu para ajudá-lo, oferecendo-lhe água e café fresquinho. Após alguns minutos, Galdino retomou a força e voltou a conversar com os parentes.

A tarde foi se passando e quando estava tudo certo para aquela viagem à Brasília, todos voltaram para suas taperas. Eu, claro, fui ao encontro do meu

tio Galdino, pois eu estava preocupado com ele, por conta do “empassamento” que o abateu durante a reunião dos guerreiros. Ao aproximar, ouvi uma conversa muito particular entre ele e minha vó, a velha Minervina, em que o tio Galdino disse:

- Minha mãe, a viagem para Brasília está certa, mas eu não quero ir, sinto que não deveria ir. Os guerreiros podem ir e resolver as coisas por lá, eu fico por aqui pela aldeia.

Minha vó, na tentativa de encorajá-lo, pediu para que ele acompanhasse os guerreiros naquela missão, fazendo valer o sangue de todos os guerreiros e guerreiras que tinham partido para a “Grande Roça”, em busca da conquista de nossas terras originárias. Ela dizia a ele que a luta pela terra era uma questão de honra e de dignidade do nosso povo.

Pensativo, ele concordou e foi tomar banho para o jantar, demonstrando-se convencido, satisfeito e encorajado para aquela tarefa que deveria cumprir na cidade de Brasília.

Apesar de convencido a viajar, no cair da noite seu coração sentiu um novo aperto que o angustiou novamente. De longe ele avistou dona Maura, uma anciã Pataxó HãHãHae, com quem foi confessar sobre sua insatisfação em ir para Brasília. Na conversa com a velha Maura, Galdino foi claro em suas palavras:

- Posso até ir, mas voltarei de avião e não de ônibus com os outros.

Dona Maura, assim como já tinha feito minha vó, a velha Minervina, deu orientações para que ele fosse, pedindo que ele tirasse de seus pensamentos coisas negativas, pois nada de ruim aconteceria na viagem, dizia ela.

Diante de toda aquela cena em volta da viagem para Brasília, me sentei na frente da tapera de minha vó e acabei adormecendo em meu próprio sonho, e quando acordei, minha miração havia me transportado para o ano de 2018. Ali estava eu, sentado na raiz de uma árvore, às margens do rio Pardo na aldeia Caramuru Paraguaçu.

Naquele momento me angustiei por não ter sido notado por minha vó, pois eu queria tanto poder abraçá-la! De todo modo, continuava sem entender o motivo da aparência do tio Galdino, ele estava irreconhecível, uma vez que na viagem do tempo que fiz com os encantados – em que retrocedi no tempo, ele estava em perfeito estado.

Minha inquietação diante daquele estado foi sentida pelo tio Galdino. Ele se aproximou e com muita tranquilidade disse:

- Yatso, meu sobrinho, acalme seu coração, tudo será esclarecido em seu tempo. Não precisamos tocar em algo para sentirmos que existe, e se um dia você precisar tocar em algo para ter certeza que existe, é por que jamais existiu. Precisamos lutar sempre e respeitar o rumo que os encantados traçam para nós, pois na trilha para a “Grande Roça” não há lugar para guerreiros com o coração fraco. Aqui somos todos muito fortes, não precisamos ser vistos ou tocados para que sintam nossas energias ou para sabermos que existimos. Ora, nos estamos em vocês e vocês estão em nós, assim é a nossa ancestralidade!

De repente chegou minha vó trazendo chá. Ela serviu sorridentemente um chá com aroma muito agradável, do qual saía uma fumaça leve.

Tomamos a bebida e em seguida adormeci, e quando acordei novamente eu estava em 1997, bem no meio de uma cantoria arretada dentro

de um ônibus cheio de fortes guerreiros e guerreiras Pataxó HãHãHae, que entoavam cantos ininterruptos. O ônibus seguia para Brasília.

Já não fazia muita diferença eu não ser percebido por meus parentes, uma vez que estava claro que se tratava de uma missão que eu cumpria ali. Era como se meu tio Galdino quisesse me falar algo, mas preferiu que eu visse com os meus próprios olhos, vivenciando toda aquela história.

Como dito anteriormente, fui transportado para o ano de 1997, exatamente no dia índio. Naquele dia, meus parentes foram convidados para marchar nas ruas, de baixo de um sol escaldante, e quando meu tio Galdino soube do convite, deu uma gargalhada e orientou que ninguém participasse daquele ritual cívico. Ele estava muito focado em ir falar com o presidente sobre a demarcação do território do nosso povo.

Depois de mais de um dia de viagem, chegamos à Brasília, onde meu tio e os guerreiros cumpriram a agenda de reunião com o presidente da República. Logo após a reunião, tio Galdino conheceu alguns parentes do povo Bororo, com os quais fez amizade e conversou longamente sobre vários assuntos.

Acontece que no dia 19 de abril, estava ocorrendo uma grande festa na cidade e, tive uma impressão que ele viu nessa oportunidade uma forma de espaiar, pois o dia tinha sido intenso e desgastante.

Encerradas as atividades todos voltaram para o hotel onde estavam hospedado, e ao cair da noite ele avistou dona Maura e disse:

- Parenta, vou ali visitar uns “irmãos” que estão no outro hotel, eles vieram para fazer tratamento de saúde. Vou e volto logo.

Ele seguiu pelas ruas largas e longas do eixo sul do Distrito Federal. A noite estava muito agradável, um clima fresco que combinava com seu otimismo diante dos encaminhamentos que foram dados na reunião com o presidente. Havia muita gente e um movimento intenso de carros pela cidade, uma realidade não convencional comparada à calma da aldeia Caramuru Paraguaçu.

Ele chamava a atenção por onde passava, não só por sua aparência física e seus adereços indígenas, como por seu carisma. Diante de tantos cumprimentos e acenos das pessoas, Galdino parecia mais com um reconhecido político, falava alegremente com todos, dos guardadores de carros aos moradores de rua.

Depois da rápida visita aos parentes em tratamento médico, ele seguiu rumo a uma festa a qual foi convidado, onde alguns amigos o esperavam. Lá conversaram extensamente, ora sobre assuntos indígenas e sobre conquistas do movimento, ora sobre suas vidas pessoais, davam gargalhadas, brincavam de tal forma que meu tio parecia uma criança. Na verdade, todos pareciam crianças soltas ao vento.

As horas se passavam e ele resolveu retornar ao hotel onde estava hospedado, conforme o combinado com dona Maura. Agora a noite estava escura, a temperatura caiu bruscamente e quase não se via ninguém pelas ruas.

Um velho sentado na calçada lhe pediu algum dinheiro, percebi que isso o assustou um pouco, eu tive que acelerar meus passos para acompanhá-lo. Vi que ele sentia tanto frio, que parecia mais um porco do mato batendo os dentes. Estava com pressa para chegar ao hotel, mas parecia estar sem

dinheiro, e mesmo que tivesse, por ali não passava nenhuma condução, o jeito foi seguir a pé.

Alguns metros dali um homem se aquecia em uma pequena fogueira improvisada. Era um daqueles guardadores de carros que o cumprimentou quando seguia para o hotel onde foi visitar os parentes em tratamento. Com tanto frio, tio Galdino parou alguns minutos para se aquecer na fogueirinha, trocou algumas palavras, o suficiente para saber que aquele homem era um indígena que teve sua aldeia destruída quando ainda nem tinha nascido.

Despedindo-se daquele moço, tio Galdino agradeceu as orientações recebidas, segundo as quais ele deveria ter cuidado sobre os perigos da noite na região. De longe, o rapaz gritou algumas palavras, dizendo que reconheceu em Galdino uma força ancestral muito forte, que lhe fazia arrepiar, e concluiu observando que sua missão tinha sido concluída com êxito em Brasília.

No caminho para o hotel, ouvi uns sussurros, como se Galdino estivesse falando sozinho. Depois percebi que meu tio estava elevando seus pensamentos ao nosso Pai Tupã, pedindo proteção e força.

Ao chegar ao hotel, meu tio bateu reiteradas vezes na porta, foi atendido, mas o impediram de entrar. Não entendi o motivo daquela postura da moça que estava na recepção. O cansaço estava estampado em seu rosto, mas definitivamente ele foi proibido de subir para seus quartos.

Diante da situação, tio Galdino teve a ideia de voltar para junto do parente guardador de carros e aproveitar a fogueira para se aquecer. Confesso que ver meu tio naquela situação, sem poder fazer nada, me deixou intranquilo. Mas para nossa surpresa, quando retornamos no local, o guardador de carros não estava lá, e não havia qualquer sinal de fogueira naquele local, nem sequer o cheiro da fumaça ou resquícios de cinzas. Nada! Simplesmente nada! Isso o deixou intrigado e a mim também, pois eu tinha absoluta certeza de que se tratava do mesmo lugar que havíamos estado anteriormente.

Ao se deparar com o curioso acontecimento, meu tio exclamou:

- Eita Encantados, vocês sempre por perto!

Agora já tarde da noite, cansado e com frio, o guerreiro Galdino resolveu voltar para perto do Hotel e esperar amanhecer, quando avistou um ponto de ônibus e por lá mesmo ficou. Meu coração ficou muito apertado em vê-lo naquela situação. Eu sentia o perigo por perto e meu consolo foi ver que o local era coberto, tinha uma parede e um banco comprido onde ele pôde descansar. Quanto a mim, preferi ficar por perto velando seu sono.

Na entrada da madrugada, senti um cheiro forte de capim de aruanda, alfazema, amescla e outras ervas perfumadas. Olhei para todos os lados e não vi nada. Fiquei imaginando de onde teria vindo aquele aroma.

Repentinamente fui surpreendido com o barulho de um carro que freou bruscamente onde estávamos. Cinco seres desceram abruptamente do automóvel, trazendo em suas mãos galões cheios de um líquido de forte cheiro. Apesar de estar eufóricos, com os olhos avermelhados, nenhuma palavra saía de suas bocas. Derramaram o combustível primeiro em volta do meu tio e, em seguida sobre todo seu corpo adormecido e cansado.

Aquele forte cheiro me sufocava e me desesperava, pois não havia nada que pudesse fazer naquele momento! Muito fogo, muito fogo.... Em meio às chamas alaranjadas, uma potente luz resplandeceu e três fortes encantados o protegeram, como se estivessem tentando leva-lo para "Grande Roça".

Um casal, que observou tudo, pediu ajuda e em poucos minutos o levaram para o hospital. Por volta das duas horas da madrugada os três fortes encantados reapareceram, e dessa vez o levaram para a “Grande Roça”. Todos se esforçaram para mantê-lo em vida perto de nós, mas como ele mesmo dizia: “Quando morremos, vivemos, pois, um índio não tem fim”.

Naquele momento, tudo começou a fazer sentido para mim. Entendi o motivo das marcas em seu corpo, ao passo que fui arrebatado para a beira do rio Pardo, onde mais uma vez estava eu sentado na raiz da árvore, frente a frente com Galdino!

Frente a frente com meu tio Galdino, não emitia uma só palavra, nem um som saía de minha boca, pois eu não queria perder tempo com nada além de observá-lo e sentir sua força! Com seu olhar fixo para o horizonte, ele me disse: -

Só desiste de seu chamado aquele que não valoriza o sangue derramado de um ancestral. Quem não reconhece o sangue, não reconhece a vida! A cada palma de chão tem sangue dos nossos antepassados. Todos têm que respeitar a terra, os antepassados e a nossa espiritualidade ancestral

E continuou:

- Todo índio carrega em si uma força ancestral, e quem entende a leveza dessa força, não tem medo de morrer, por isso não desista da luta, meu sobrinho. Porque quem morre, vive, e quem vive luta! Estamos aqui de passagem, todos nós voltaremos para a Grande Roça, onde estão todos os nossos antepassados.

Fique ouvindo atentamente tudo aquilo que ele me dizia. Quando pausou sua fala, pensei em expressar algumas palavras, mas ele imediatamente prosseguiu:

- Todos temos um chamado, precisamos lutar por ele! Antes de vencer o mal que se encontra lá fora, olhe para dentro do seu coração. Sinta sua força, se houver algum caminho mal, trace uma nova rota e siga pelo caminho do bem. Não espere que alguém faça isso por você ou lhe diga o que tem que ser feito. Enquanto estiver nas “terras de baixo”, procure o caminho da humildade, da resistência e da sabedoria, sem os quais você nunca chegará na “Grande Roça”.

Depois de todos esses ensinamentos, acordei com meus próprios gritos, que diziam: Galdino Vive! Galdino Vive!

Levantei e fui à cozinha, quando encontrei minha mãe chorando. Perguntei a ela o que tinha acontecido, e ela relatou que chorava por estar amedrontada com tantas ameaças daqueles homens maus que aterrorizavam a aldeia, mas também estava emocionada como o meu sonho. Segundo ela, durante toda a noite eu emiti sons e palavras que evidenciaram que eu estava recebendo uma mensagem de nosso Pai Tupã, através do guerreiro Galdino, um parente tão querido e amado!

Hoje, tenho clareza que Galdino representa mais que uma imagem de guerreiro ou mártir, ele foi a semente alfa para a conquista de nossas terras. Sua luta, seu exemplo e sua morte foram combustíveis que mobilizaram nossas forças e determinação para conquistarmos nosso território e outros direitos.

Seguindo os passos do tio Galdino, queremos colaborar na construção de uma sociedade mais justa, que respeite as diversidades de povos, línguas e

tradições. Uma sociedade pautada nos princípios da igualdade que ande de mãos dadas com a observância de nossas diversidades.

Galdino está na forração do céu, na Grande Roça!

Galdino está aqui, sempre esteve e sempre estará!